

■ ARTIGOS

■ A educação da criança indígena em seus primeiros anos de vida

 Daniela Lobato do Nascimento *

Resumo: Este trabalho traz uma reflexão sobre um público não muito comum na Educação Infantil, o indígena. A temática educação indígena vem sendo discutida em diversos meios e campos para além do antropológico, fazendo necessário principalmente no âmbito educacional. A educação dessas crianças inicia-se muito antes de seu nascimento, o que se observa no caso da etnia Tapirapé (Apyãwana), e se estende ao longo dos anos associada à vida para além dos espaços escolares. A discussão neste texto é amparada na perspectiva histórico cultural, em Vigotski. O autor em suas obras apresenta uma educação que se dá para além dos muros da escola, onde reconhece que somos seres culturais, unidade afeto-intelecto, ou seja, a educação é indissociável da vida. Os povos indígenas, mesmo sob tantas influências, entre elas a inserção de escolas, encontraram maneiras de manterem suas identidades e ancestralidade por meio de atividades que envolvam as crianças e formem assim lideranças capazes de prosseguir com a cultura. A criança indígena desde cedo está próxima aos adultos e a outras crianças, aprendendo e participando das atividades na aldeia, independente de quais sejam. Sua educação acontece dia a dia, nos diversos espaços e momentos.

Palavras-chave: Educação Indígena. Criança Indígena. Educação Infantil. Perspectiva. Histórico-Cultural.

* Daniela Lobato do Nascimento é graduada em Pedagogia pela Universidade Católica de Brasília (2009), especialista em Educação Infantil pela mesma instituição, com pesquisa na área de desenvolvimento da criança na Educação Infantil, mestranda em Educação pela Universidade de Brasília – UnB, pesquisando as áreas da Educação Indígena, Perspectiva Histórico-Cultural e Criança. Coordenadora Central na Gerência de Programas e Projetos Especiais, da Diretoria de Educação Infantil da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Contato: danielalobatodo@gmail.com.

Introdução

Este artigo tem por objetivo apontar algumas reflexões acerca da educação da criança indígena em seus primeiros anos de vida da etnia Tapirapé (Apyãwana), que mesmo com a inserção de escolas indígenas em suas aldeias, conciliam a educação de suas crianças com a educação escolar, resistindo às pressões externas e não indígenas.

Segundo Ferreira (2018, s.p), em muitos casos a educação formal institucionalizada é tida como a única prática educativa reconhecida. Porém, como muito bem mencionado por Vigotski (2001; 2009), em suas obras, discute que a escola não é sinônimo de educação, e educação não é sinônimo de escola. Essa educação, que se limita aos muros da escola, tem sido criticada por muitos autores (TUNES, 2011; TUNES e BARTHOLO, 2008), uma vez que, em muitos casos, não contribui para a formação de seres humanos em sua integralidade.

O sistema escolar se caracteriza, dessa maneira, na busca de uma uniformização das pessoas. “Na escola, a regra máxima é uniformizar” (TUNES, 2011, p. 10), ou seja, não se prioriza as diferenças e as diversidades. Segundo Tunes (2011, p. 11) “O surgimento e a evolução da instituição escolar carregam o ideal do controle social da aprendizagem. Antes do surgimento da escola tal como a conhecemos hoje, a aprendizagem era universal”. Com a institucionalização da educação, segundo a autora, e para se obter um controle social, padronizou-se o ensino e para isso ignora-se, muitas vezes, as experiências pessoais.

Muitas comunidades indígenas não possuem em suas terras a instituição escola, optam por continuar a educação de suas crianças pelos meios tradicionais de sua cultura, mas existe um número significativo de etnias que passaram a adotar a escola como parte da rotina diária, como meio de resistência. Para tanto, o Ministério da Educação e Cultura – MEC possui documentos que regulamentam e amparam esta ação, de modo que a cultura local seja respeitada.

Todos os documentos que existem hoje sobre escola indígena foram impulsionados por movimentos sociais e indígenas em meados da década de 1970, que lutaram e lutam até hoje por seus direitos, principalmente o direito de coexistirem em nossa sociedade com suas culturas e tradições.

Com base em Vigotski (2001), a educação “é a influência premeditada, organizada e prolongada no desenvolvimento de um organismo” (VIGOTSKI, 2001, p. 37), encontrada em outros espaços de aprendizado e desenvolvimento humano, exemplo disso, é a educação das crianças indígenas da etnia Tapirapé.

A cultura assim é o ambiente/meio social ao qual, todos estamos inseridos e, onde sofremos influência direta ou

indiretamente de forma consciente ou não, o “ambiente social é a autêntica alavanca do processo educativo” (VIGOTSKI, 2001, p. 76). Este ambiente é bastante explorado pelas comunidades indígenas, pois é com ele e a partir dele, que vivem e se relacionam. Logo, a educação, não se encontra restrita apenas aos espaços formais na escola, ela acontece também, em outros meios sociais da vida cotidiana, como pretende-se demonstrar neste artigo com as crianças indígenas.

Para Vigotski (2001, p. 75) “nossos movimentos são nossos professores”. Com essa afirmação, o autor rompe com algumas ideias no campo da educação, como por exemplo, a de que o professor deve ser o centro do processo educativo, concepção que ainda encontra-se arraigada em nosso sistema educacional formal. Menosprezar as experiências pessoais das crianças é um grande erro. Segundo Vigotski,

(...) a passividade do aluno, bem como o menosprezo por sua experiência pessoal, são, do ponto de vista científico, o mais crasso erro, assim como a falsa regra de que o professor é tudo, e o aluno, é nada. Pelo contrário, o critério psicológico exige que se reconheça que, no processo educativo, a experiência pessoal do aluno é tudo. A educação deve ser organizada de tal modo que não se eduque ao aluno, mas que este se eduque a si mesmo (VIGOTSKI, 2001, p. 75).

Para Vigotski (2001), a ideia de passividade do aluno nos processos educativos deve ser ultrapassada, pois em sua base deve estar em primeiro lugar à atividade pessoal do mesmo e a função do educador seria a de orientar e regular essa atividade, direcionando seus movimentos.

Em comunidades indígenas, a orientação dessas atividades se dá pelo adulto ou pela própria criança. Estar em pares é essencial, tanto para a aprendizagem quanto para a segurança em se descolar pela aldeia, no caso a Tapirapé, que compreende muito bem queo “saber que não passa pela experiência pessoal não é saber” (VIGOTSKI, 2001, p. 76).

Ao longo dos anos perdemos nossas raízes culturais. A escola, como diz Tunes e Bartholo (2008), desde seu surgimento se torna um espaço de desenraizamento social. Em seu currículo, tão pensado e elaborado não há lugar para o outro se autoconhecer como “ser” cultural. E aqui, me refiro a escola, por ser um espaço político em que passamos, no mínimo, doze anos de nossas vidas.

Nessa perspectiva, o presente artigo elucida um pouco das atividades ocorridas nas aldeias, que permeiam a educação da criança, sempre vinculada à vida em sua comunidade, principalmente, em seus primeiros anos de vida, os quais são essenciais para conhecer as tradições e compreender o espaço em que está. Os relatos de indígena Elber Tapirapé da etnia Tapirapé (Apyãwana) será a fonte de reflexões deste artigo.

Os povos indígenas

O homem branco quer ver o índio quietinho na tribo, sem saber de nada! Não sabíamos nos defender, mas hoje já sabemos. A evolução vem para a gente saber quem nós somos. Porque se vivêssemos eternamente sem aprender com o branco eles fariam tudo quanto quisessem. Temos que saber aprender as coisas úteis. É bom aprender a conviver nas duas culturas, a saber distinguir o que presta do que não, saber usar (autor desconhecido, FULNI-Ô, 2011, s/p).

A citação acima elucida bem o porquê de algumas aldeias estarem interessadas em instituições escolares nas suas terras, mas isso, não reduz a educação a este espaço. Elber Tapirapé¹ (COMUNICAÇÃO PESSOAL, 2016)², em um ciclo de palestras em São Paulo, que tratava da educação da criança indígena, em seu discurso, asseverou que mesmo com o surgimento da escola em seu grupo, a partir do 1º ano do ensino fundamental, não inviabilizou que a educação de suas crianças permanecesse em meio à vida na aldeia, longe dos espaços fechados, uma vez que a criança aprende muito com o outro, que já possui mais experiências de vida.

A fim de resguardar esse direito às suas tradições e, ao mesmo tempo ter a escola como um dos meios de resistência, alguns movimentos em meados das décadas de 1960, 1970 e 1980 impulsionaram as discussões para que esta população fosse respeitada por seus modos próprios de viver.

Para alcançar este direito, as lutas, discussões e encaminhamentos junto aos órgãos competentes e às comunidades indígenas foram necessários. Em 1970, teve início, mais fortemente os movimentos em prol a causa indígena. Desse importante movimento origina-se o conceito de educação escolar indígena:

(...) caracterizada pela afirmação das identidades étnicas, pela recuperação das memórias históricas, pela valorização das línguas e conhecimento dos povos indígenas, pela vital associação entre escola/sociedade/identidade, e em consonância com os projetos societários definidos autonomamente por cada povo indígena (CONEEI, 2009, p. 02).

A educação escolar das crianças indígenas começa a trilhar novos caminhos. Inicialmente, por meio da Constituição Federal de 1988, que dita os primeiros direitos conquistados. O professor regente passa a ser um índio formado em nível superior. O currículo é adaptado às festividades locais. O bilinguismo é um direito resguardado a todos. A educação dessas crianças indígenas é uma educação para vida, que respeita o seu tempo.

Outro aspecto que também impulsionou as pesquisas nesta área, segundo Silva (2001), se deu pela etnologia³, que teve um papel importantíssimo no que concerne à reflexão teórica e política dessas populações.

Na área acadêmica pode-se apontar três os pontos que contribuíram para o aumento de pesquisas sobre populações indígenas: construção de etnografias específicas para os povos indígenas; as limitações da antropologia em compreender a cosmovisão do mundo desses povos; e o envolvimento de etnólogos nas discussões políticas e defesa de seus direitos.

(...) a educação aparece como um projeto voltado às necessidades de formação básica de crianças e jovens nas aldeias, mas também como parte de um amplo processo de efetiva construção de autonomia e empoderamento das comunidades indígenas diante do ininterrupto processo, por vezes violento, de contato e ingresso na sociedade brasileira como um todo. A educação, nesse sentido, aparece como fundamental no processo de construção da autonomia dos indígenas e construção de lideranças políticas. (GRANDO e ALBUQUERQUE, 2013, p. 8).

A escola se torna assim, nas comunidades indígenas, um meio e não um fim para a educação de suas crianças. Por isso mesmo, só possuem as etapas a partir do ensino fundamental, a educação infantil não é incentivada por justificativas que serão apresentadas neste artigo.

Bergamaschi (2005), em sua pesquisa nas aldeias de Canta Galo e Pinheiro, no Rio Grande do Sul com os Guaranis, registra em seu diário de campo outro modo de fazer escola, outra forma de estar no mundo. Suas narrativas elucidam e reiteram a distinta relação da educação que se dá no espaço escolar indígena e não indígena.

(...) cada criança faz sua atividade em seu tempo, pois não há, por parte do professor, nenhuma imposição de regras temporais, como nos habituamos em nossas escolas, cujas atividades são planejadas para determinado período de execução, tempo esse explicitado e treinado junto aos alunos e que por vezes, funciona como ameaça: "tem mais dez minutos para concluir o trabalho!" (BERGAMASCHI, 2005, p. 229).

Essas crianças que estão na escola dentro de suas aldeias, vivem uma educação que respeita o seu tempo. O mundo que as circunda, e toda a aprendizagem, se relacionam com seu espaço e com suas atividades diárias. Não se dissociam da vida. O que ela vê na escola, ela vive e faz. Ao mesmo tempo em que faz suas atividades, ela as vive e se vê nelas.

A criança indígena e sua relação com a aldeia

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, o Censo Demográfico em 2010 constatou 817.963 indígenas, sendo mais de 50% vivendo em áreas rurais. A mesma pesquisa apontou que todos os estados e o Distrito Federal, possuem povos indígenas, muitos deles, vivendo nas áreas urbanas. Além desses dados, a Fundação Nacional do Índio – FUNAI possui 69 referências de

grupos não registrados, ou seja, os que estão aguardando reconhecimento de sua condição indígena. Do número de indígenas constatado pelo Censo 2010, sua distribuição se dá em 305 etnias por todo Brasil.

Conheci um representante da etnia Tapirapé, em um ciclo de palestras em São Paulo, que tinha como temática: “Educação da Criança Indígena nas Sociedades Indígenas.” Nesse evento, pude conversar e ouvir o indígena Elber Kamoriwa’i, que se apresentou como Elber, um dos líderes da aldeia, como se dá a educação das crianças em sua etnia.

O povo Apyãwa (Tapirapé) é um dos exemplos de aldeias que fazem uso dos sistemas exigidos, intitulados como escola indígena, e, mesmo com a obrigatoriedade das crianças estarem em sala por 5 horas diárias, conseguem dar continuidade a educação dentro de sua aldeia pelos meios aos quais foram aprendidos por seus ancestrais, dialogando os dois campos.

A comunidade indígena Tapirapé, conhecida também por Apyãwana, se localiza no Norte de Mato Grosso, possui sete aldeias da mesma etnia. Cada aldeia possui um cacique que é liderado pelo cacique líder. Os caciques, todas as noites, sentam com os líderes, que são os que conhecem o que poderíamos aqui descrever como as “especialidades” do canto, da pesca, da dança, da arte. Essa reunião tem por objetivo decidirem as atividades que irão acontecer na aldeia.

A aldeia é construída de forma circular, para auxiliar na localização de norte, sul, leste e oeste, além disso, os Tapirapés entendem que o conhecimento é circular, e dessa maneira deve ser transmitido.

A maneira como esta etnia vive o significado de conhecimento, já demonstra o tom em que se entende educação, que está para além de uma hierarquia, para além dos muros da escola. O conhecimento parte, portanto, de todos, e está para todos. Eu aprendo ao mesmo tempo em que também estou compartilhando o que sei, e nessas idas e vindas, o conhecimento se torna vivo, significativo, real e palpável.

Constantemente essas crianças são preparadas para a vida adulta, suas aprendizagens não se dão em um espaço estanque, como caracterizado em nossa sociedade e definido, até mesmo, dentro da própria constituição. De que

Art.205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, *seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.* (BRASIL, 1988, p. 136, grifos meus).

Vigotski (2001) elucida como se dá o conhecimento, com um belo exemplo; só aprendemos a nadar se jogando na água, a aprendizagem se dá dessa mesma maneira, “a aquisição do conhecimento só é possível na ação, ou seja, adquirindo esses conhecimentos” (2001, p. 295).

Os Tapirapés adquirem seus conhecimentos no próprio ambiente social, por meio de suas relações, não de forma unilateral, mas circular. Ainda em sua organização, os Tapirapés possuem dois clãs, intitulados de peixe e pássaro. Essa linhagem é definida pelo pai e avô, possibilitando os casamentos mistos entre os clãs. Elber Kamoriwa’i relata da seguinte maneira:

Na história do mito os dois grupos lutaram, cada um com seus lutadores, e nessa batalha primeira o grupo dos peixes que derrotaram primeiro, e foi nesse momento que surgiram as cores, segundo o mito, por que a partir do momento que eles venceram, usaram todas as cores dos pássaros para se pintar, e você vê cada peixe são diferente, essas cores que existiam no corpo do pássaro que eles usaram para se colorir dentro do rio, assim também aconteceu a partir do momento que eles derrotaram o lutador do peixe, então o mito conta dessa maneira” (KAMORIWA’I, comunicação pessoal, 2016)⁴.

A educação da criança Tapirapé, acontece em todas as fases de sua vida, antes mesmo antes de seu nascimento, iniciando com os pais. Para a criança ser gerada, tanto o pai como a mãe passam a ter uma dieta alimentar diferenciada, para que ela seja sadia, senão entende-se que a mulher irá gerar uma criança com algum problema de saúde, ou deficiente.

Quando no útero da mãe os avós ganham uma participação nesse momento, conversam com a criança, dizem a ela para nascer sadia, passam algumas plantas medicinais na barriga da mãe. Segundo Elber (comunicação pessoal, 2016), as crianças são educadas antes mesmo do nascimento. Depois que nasce é o momento da família, da tia, tio, primo e demais familiares a pegarem no colo e falarem com ela. Mesmo ela não tendo desenvolvido a fala, a conversa existe, pois é dessa maneira que ela é educada pela família.

La primera aparición del concepto espontáneo está a menudo relacionada con el choque directo del niño con distintas cosas, ciertamente, con cosas que al mismo tiempo las explican los adultos, pero, con todo, con cosas vivas y reales. (VIGOTSKI, 2009, p. 374)

As conversas introduzem as primeiras relações dessa criança com a aldeia, desde o reconhecimento por meio da palavra que a cerca, como a explicação das festividades e acontecimentos que a circunda, por meio de diálogos e histórias. Por este motivo, o movimento de luta pelos direitos indígenas, resiste a inserção da escola para a educação infantil nessa faixa etária, dizendo que a idade menos prejudicial para as crianças entrarem nesse espaço seria depois dos sete anos, uma vez que todas as suas aprendizagens sobre tradições e cultura se dão dia a dia nas atividades em sua aldeia.

Após a gestação, chega o momento do trabalho de parto, a avó materna da criança, que também é a parteira,

anuncia o acontecimento à aldeia. Em sua falta, a tia assume esse papel. Ninguém fica na casa nesse momento, somente as parteiras. O pai também não pode estar presente, só retorna quando a criança já nasceu, e não pode também sair da aldeia para outros afazeres, como a caça, deve permanecer e aguardar o nascimento.

Nesse momento, segundo os anciãos e o Xamã, as mulheres não podem preparar nenhum tipo de alimento, pois durante o trabalho de parto eles podem ser contaminados, somente após o seu nascimento é que se retoma os preparos.

A vida é extremamente respeitada pelos os Tapirapés, nada que a gerou pode ser descartado, exemplo disso é a placenta, que deve ser enterrada próxima a casa, não pode ser jogada fora. Algo parecido acontece com o cordão umbilical quando cai, é amarrado no punho da rede do pai ou da mãe, pois segundo os anciãos, quando a criança um dia chegar a falecer, esse cordão umbilical tem que ser sepultado junto a ela. Segundo Elber (COMUNICAÇÃO PESSOAL, 2016) se esse cordão for jogado fora, pode facilitar com que a criança pegue algum tipo de doença.

Dando continuidade a esta nova vida, após o nascimento, a dieta alimentar dos pais continua, eles não podem comer nenhum tipo de carne, apenas mingau. Os Tapirapés também resguardam o pai durante a gestação da mãe das atividades que exigem grandes esforços na aldeia, como pegar pesos ou partir a carne de animais, uma vez que, se esses cortes forem feitos a criança pode nascer com os lábios repartidos, o que damos o nome de lábio leporino.

Toda essa preocupação com a criança é admirável, sua educação se dá antes mesmo de seu nascimento, ao longo de sua gestação, e não cabe apenas aos pais educá-las. A família, como um todo, é responsável por ela. Quem “chama a atenção” delas quando fazem algo que vai contra os costumes da aldeia não são os pais. De preferência, são os avós ou outros, pois, como Elber esclarece (COMUNICAÇÃO PESSOAL, 2016) “os pais já tem um olhar mais duro, podendo chamar a atenção no momento e na presença de todos”. Porém, o que acontece é que essa conversa ocorre, por exemplo, no momento em que se “catam” os piolhos. A pessoa adulta vai conversando com a criança, sobre sua atitude, que ela não foi a melhor e assim os processos educativos vão acontecendo.

Deter-me-ei aqui, até o que se chama pela aldeia de “segunda infância”, que se inicia com o desmame da criança. Nesse momento, as crianças recebem pinturas corporais, colares e adereços, que se diferem dos meninos e das meninas. Isso é feito também, para que toda a aldeia observe esses processos. A partir dessa fase, a criança já não fica somente aos cuidados da mãe, sua rotina de convivência já o possibilita a ir com a tia, irmão mais velho, primo e pessoas mais próximas dela, para atividades na aldeia. A figura 01 ilustra esse momento.

Figura 01. Desmame



Fonte: Luiz Gouvêa de Paula (2012)

A partir desse momento, o envolvimento dos pais e dos avós contribui na escolha dos objetos que a criança irá usar, seja o arco e flecha ou na menina as atividades de artesanato junto às mulheres, mas inicialmente em forma de brincadeiras. A escolha final do que ficará a seu cargo na aldeia se dá por escolha própria, por exemplo, se ele quiser ser um bom cantor, ele participará junto do pai e de outros homens da aldeia das atividades que exijam isso, e assim irão auxiliando-o na aprendizagem.

Pequenas tarefas também como a de levar um alimento a avó, ou a tia, e demais parentes, essa é a forma deles ensinarem a criança tanto a distribuição da comida quanto no reconhecimento dos seus familiares. Segundo Elber:

A partir disso vai identificando as pessoas que fazem parte da família vai reconhecendo tio,tia, o avó. É uma forma de educar a criança na distribuição e também para reconhecer a própria pessoa da família. E já podem comer alguns alimentos com os adultos (KAMORIWA¹, comunicação pessoal, 2016)⁵

Nem a criança e, nenhuma outra pessoa, se desloca da aldeia sozinha, sempre em duas ou mais, para que se tenha sempre alguém atento ao que pode acontecer, enquanto o outro estiver focado em sua atividade ou alguma tarefa. As crianças andam e brincam também livremente nos espaços, sem supervisões de adultos.

Algumas crianças já são preparadas desde cedo para ser cacique, a decisão se dá na própria família, que

depois comunica ao cacique e assim este informa publicamente na aldeia.

A partir desse momento a educação dessa criança recebe alguns diferenciais, segundo Elber (comunicação pessoal, 2016) acontece um ritual, em que o cacique, vai de casa em casa anunciando a notícia e levando uma bebida, que no caso quando pequeno a criança não toma, só coloca a mão. A partir disso, a criança não pode receber muitos castigos dos pais, ele tem que ter um tratamento especial, porque ele vai ser uma liderança importante futuramente, por isso seu castigo se dá no privado e não publicamente na comunidade.

Este castigo isolado deve-se ao fato que, no dia em que este for uma liderança na aldeia, por exemplo, se bate-rem nele, lá na frente, qualquer pessoa da aldeia pode relatar a situação que aconteceu na infância dele, assim acaba o desmoraliza.

Os pais também devem assegurar que não irão se separar, e que viverão o resto da vida juntos, porque se isso acontecer a criança também pode ser desmoralizada quando assumir a liderança.

Diferente do cacique a escolha do pajé se dá pelo próprio pajé, que segundo a tradição dos Tapirapés, a criança já nasce com esse espírito. Os instrumentos de uso comum a todos não são os mesmos para ele, são diferentes, justamente para que todos observem que este será um futuro pajé.

Sua educação é de responsabilidade também do pajé, que anuncia a aldeia que ele será um futuro líder. Quando este alcança a vida adulta, sua educação se destina a essa atividade que irá exercer um exemplo do que lhe é ensinado é a falar com espíritos, seja dos peixe ou de qualquer outro animal.

Na etnia Tapirapé as crianças brincam e um dos locais é o centro da aldeia, chamada de pátio, que deve sempre estar limpo para que nenhuma criança se machuque. Essa tarefa compete às mulheres.

Além desse espaço, o rio e outros afazeres na aldeia também são brincadeiras, em uma mistura de atividades adultas com processos imaginativos.

A brincadeira da criança não é uma simples recordação do que vivenciou, mas uma reelaboração criativa de impressões vivenciadas. É uma combinação dessas impressões e, baseadas nelas, a construção de uma realidade nova que responde às aspirações e aos anseios da criança (VIGOTSKI, 2009, p. 17).

Por meio da brincadeira a criança já inicia o seu papel na aldeia, da tarefa que assumirá. A educação, assim da criança Tapirapé se dá na vida, em todos os momentos, fora da lógica capitalista a qual estamos inseridos, de que a escola nos possibilitará a partir dos anos o acúmulo de conhecimentos necessários para o recebimento de um diploma que lhe permitirá uma atuação legítima no mercado

de trabalho, com anuência da ciência de que está apto a exercer sua profissão.

Todavia, no seu caminhar histórico, a instituição escolar tende a ampliar a sua presença, seja na vida de cada pessoa, com o aumento das exigências de tempo de escolarização, seja na extensão do número de pessoas capturadas pelos seus tentáculos, com a exigência crescente de comprovada escolarização para o exercício de diversas atividades, com é o caso do trabalho. (TUNES; PEDROZA, 2011, p. 27).

Considerações finais

O Tapirapés, a fim de manter sua língua e cultura o mais resguardada possível, priva qualquer uso de palavras que não seja a sua dentro da aldeia. Fato curioso é o próprio nome da etnia, muito bem elucidado por Paula (2013) que na língua e na cultura Apyãwana, o ato de estudar traz encapsulada em si uma concepção diferente da nossa:

(a) äxema'e
Ä + xe + ma'e
1ª psreflex. Estudar
'eu me estudo = eu mesmo estudo'

Dessa maneira, as crianças em seus primeiros anos estão juntas em todas as atividades com seus pais e familiares realizando, mesmo pequenas, ações similares às dos adultos, aprendendo com elas mesmas (eu mesmo estudo). E logo, observando o que lhe será de responsabilidade na aldeia.

Os líderes da aldeia buscam manter mesmo que nas pequenas coisas, a sua cultura. Seja nas brincadeiras, cantos, danças e jogos aspectos de sua etnia. Nenhuma palavra é exportada do português para sua língua, ou associada a objetos que não é de uso da aldeia, apenas os adultos falam português. Tudo isso na tentativa de se manter a cultura mais fidedigna a de seus ancestrais.

Toda criança é um ser ativo, participante e construtor de cultura e, sua relação com o outro se dá diariamente, em meio às atividades culturais, isso incluindo também, as brincadeiras. E assim, a criança se desenvolve entre os demais seres humanos. O que se destaca em relação às crianças indígenas diz respeito à sua intensa relação com o coletivo da aldeia, integrada ao grupo, seja com as outras crianças, adultos, anciãos ou demais representatividades.

Desde seus primeiros anos de vida, a educação caminha associada à vida, em descobertas e aprendizagens junto aos outros. A infância indígena é regada de cultura e tradições, sem a necessidade de ter uma instituição formal que a legitime. Pensar na educação da criança indígena é compreender o que Vigotski (2009) diz, que somos unidade afeto-intelecto. ■

Notas

- ¹ Elber Tapirapé é um dos educadores da etnia Apayãwa. Também é o coordenador pedagógico da escola indígena da aldeia. Apresentou em um ciclo de palestras como acontece a educação da criança indígena Tapirapé.
- ² Informação fornecida por meio da palestra por, Elber Tapirapé. Educação das Crianças Tapirapé. São Paulo, 2016.
- ³ A etnologia busca estudar os diferentes povos e culturas de diferentes lugares do mundo.
- ⁴ Informação fornecida por meio da palestra por, Elber Tapirapé. Educação das Crianças Tapirapé. São Paulo, 2016.
- ⁵ Informação fornecida por meio da palestra por, Elber Tapirapé. Educação das Crianças Tapirapé. São Paulo, 2016.

Referências Bibliográficas

- BERGAMASCHI, Maria Aparecida. Nhembo'e. **Enquanto o encanto permanece!** Processos e práticas de escolarização nas aldeias Guarani. Tese. Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.
- BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm> Acesso em: dez. 2016.
- CONEEI. **Documento Final da I Conferência de Educação Escolar Indígena**. Luziânia/GO, 2009. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/deliberacoes_coneei.pdf Acesso em dez. 2016.
- FERREIRA, Ana Paula de Medeiros. **Mulheres assentadas do cerrado**: processos educativos em meio ao trabalho. Dissertação de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília. Brasília, 2018.
- FUNAI. **Fundação Nacional do Índio**. Disponível em: <http://www.funai.gov.br>>. Acesso em: agosto/2016.
- IBGE. **Os indígenas no Censo Demográfico 2010**: primeiras considerações com base no quesito cor ou raça. Rio de Janeiro. 2012. Disponível em: http://indigenas.ibge.gov.br/images/indigenas/estudos/indigena_censo2010.pdf. Acesso em: março/2017.
- KAMORIWA'I, Elber. **Educação da Crianças Tapirapé**. São Paulo, Centro de Pesquisa e Formação do Sesc. 2016 (comunicação oral).
- PAULA, Eunice Dias de. **Aprender com as crianças indígenas**: mudando a lógica neocolonial presente nos processos de escolarização. Revista Educação Pública Cuiabá. v. 22, n. 49/2, p. 437-452, maio/ago. 2013.
- POVOS INDÍGENAS NO BRASIL**. Disponível em:< <https://pib.socioambiental.org/pt?busca>>. Acesso em: agosto/2016.
- SILVA, Aracy Lopes da. Uma "Antropologia da Educação" no Brasil? Reflexões a partir da escolarização indígena. In: Aracy Lopes da Silva e Mariana Kawall Leal Ferreira (Org.) **Antropologia, História e Educação**. São Paulo: Global, 2001. p. 29 – 69.
- TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz; GRANDO, Beleni Saléte; ALBUQUERQUE, Marcos Alexandre dos Santos (org.). **Educação indígena**: reflexões sobre noções nativas de infância, aprendizagem e escolarização. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012.
- TUNES, Elizabeth; BARTHOLO, Roberto. O trabalho pedagógico na escola inclusiva. In: Maria Carmen V. R. Tacca (Org.) **Aprendizagem e Trabalho Pedagógico**. Campinas, SP: Alínea, 2008, p. 129-148.
- TUNES, Elizabeth; PEDROZA, Lilia Pinto. O silêncio ou a profanação do outro. Em Elizabeth Tunes (Org.) **Sem escola, sem documento**. Rio de Janeiro: E-papers, 2011.
- VIGOTSKI, Lev. Semionovich. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico. São Paulo: Ática, 2009.
- _____. **Psicologia pedagógica**. Editora ARTMED, Porto Alegre, RS, 2001.